

Comunicação e experiências multiterritoriais: integração na cooperação da pós-graduação durante a pandemia

Daniela Zanetti

Docente do PPG em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestre em Letras pela Universidade Mackenzie.

E-mail: daniela.zanetti@ufes.br

Edgard Patrício

Docente do PPG em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Jornalista.

Doutor e mestre em Educação pela UFC.

E-mail: edgard@ufc.br

Lisiane Aguiar

Docente do PPG em Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG) e mestre em Comunicação pela Unisinos.

lisiaguiar@gmail.com

Mara Rovida

Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Libero.

E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br

Paula Melani Rocha

Docente do PPG em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e pós-doutora em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa (PT).

E-mail: pmrocha@uepg.br

Rafael Schoenherr

Docente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Geografia pela UEPG e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

E-mail: rschoenherr@uepg.br

Recebido: 25/06/2021

Aprovado: 31/01/2022

Tamires Ferreira Coelho

Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: tamires.coelho@ufmt.br

Resumo: Este relato de experiência aborda reflexões de âmbito teórico e metodológico resultantes da oferta interinstitucional de uma disciplina sobre Comunicação e Territorialidades, reunindo estudantes de pós-Graduação de seis programas das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. A proposição experimental foi possibilitada pelo ensino remoto durante a pandemia de covid-19, atravessada pelo cenário de crise política, econômica e sanitária, e constituída por contribuições advindas de rodas de conversa com a turma e jornalistas independentes e atuantes nas periferias de diferentes regiões brasileiras. Constata-se a potência da abordagem da pluralidade de experiências (acadêmicas e alternativas contra-hegemônicas) como caminho para entender as complexas tramas territoriais que constituem processos comunicativos muito além do aparato conceitual sistematizado na literatura.

Palavras-chave: comunicação; territorialidades; educação; pandemia; cooperação.

Abstract: This experience report addresses theoretical and methodological reflections resulting from the interinstitutional offer of a discipline on communication and territorialities, which gathered graduate students from six programs in five Brazilian regions. Our empirical proposition was made possible by remote teaching during the COVID-19 pandemic (intertwined with a political, economic, and sanitary crisis) and constituted by contributions arising from alternative/independent/periphery practices during roundtables with the class. The power of approaching the plurality of experiences (whether academic or not) suggests a way to understand the complex territorial plots constituting communicative processes far beyond the conceptual apparatus systematized in the literature.

Keywords: communication; territorialities; education; pandemic; cooperation.

1. INTRODUÇÃO

O reconhecimento da disseminação geográfica em escala de curto período da covid-19, doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, com surtos em países de diferentes continentes, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorreu em 11 de março de 2020¹, após 71 dias do conhecimento dos primeiros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na República Popular da China. Ao anunciar a classificação do status de contaminação da covid-19 como pandemia, o então diretor da OMS, Tedros Adhanom, reiterou o alerta aos 196 países integrantes da entidade, para o Regulamento Sanitário Internacional (RSI) na coordenação e cooperação global em barrar a propagação do vírus e orientou sobre o distanciamento social e outras medidas preventivas.

¹ Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Frente à novidade, ao desconhecimento de informações sobre o novo coronavírus e à rápida proliferação de casos, autoridades políticas e sanitárias nacionais e internacionais transitavam em protocolos ainda em testes, enquanto pesquisadores e profissionais da saúde aventuravam-se em um longo percurso de estudos na busca de conhecimentos sobre a nova doença, tratamento e vacinas, ainda em processo. No Brasil, um dia depois do pronunciamento da OMS, o Ministério da Saúde publicou a Portaria Nº356 com determinações de medidas de isolamento de 14 dias para pessoas infectadas e de quarentena (até 40 dias, com possível prorrogação) para “reduzir a transmissão comunitária e garantir a manutenção dos serviços de saúde no território”². O receio era o colapso do sistema de saúde brasileiro e que parte da população ficasse desassistida, o que se consumou no decorrer de 2020 e 2021.

Um país com a extensão territorial do Brasil (8.516.000 km²), 27 unidades federativas (26 estados e o Distrito Federal), uma população de 211,8 milhões de habitantes³ distribuída em 5.570 municípios, com diversidade étnica, cultural e regional, desigualdades econômicas, sociais, raciais, étnicas e de gênero, e sem uma coordenação política alinhada entre as instâncias municipais, estaduais e federal já traria desafios por si só em um cenário pandêmico. Uma vez que foi constatada a ausência de uma gestão centralizada e de protocolos guiados pela ciência no combate à pandemia, o país passou a atravessar a maior crise sanitária do século XXI, como um trem desgovernado, resultando em alto índice de mortalidade⁴.

Estados e municípios passaram a instrumentalizar as recomendações de isolamento e distanciamento social conforme registraram casos de morte em seu território. As determinações de suspensão das aulas em instituições públicas e privadas de ensino infantil, fundamental, médio e superior, ocorreram em momentos diferentes e em consonância com as regulamentações do tipo da instituição, seja federal, estadual e municipal. Também houve diferenciações entre cursos de graduação e pós-graduação. No âmbito da academia, a suspensão das aulas presenciais compreendeu um leque diversificado de situações que transcorreram ao longo do ano de 2020: (1) paralisação total das atividades; (2) introdução de aulas no formato remoto; (3) aplicação de modelos híbridos diferenciando aulas teóricas de práticas; (4) ofertas de cursos de extensão e oficinas em formato remoto; (5) desenvolvimento de atividades e projetos de pesquisa nos formatos presencial e remoto.

Nesse contexto pandêmico, de incertezas e descompassos de calendários, emergiu a proposta elaborada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, em meados de julho de 2020, de desenhar uma disciplina transversal e integrada por programas de pós-graduação das cinco regiões do país. Por um lado, o ensino remoto apresentava dificuldades de acesso universal à internet e a equipamentos como computador e dispositivos móveis, em um país marcado por desigualdades econômicas e tecnológicas. Há também uma variável vinculada às condições de insalubridade que envolvem se posicionar durante horas em frente à máquina ou no manuseio de aulas pelo celular diante de conexões ruins, prejudicando a adaptação do processo ensino-aprendizagem. Por outro lado, despontava-se uma oportunidade de articular uma disciplina com amplitude nacional, envolvendo docentes e discentes. Na docência vislumbrou-se

2 Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020, disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>.

3 IBGE (2020).

4 Em 25 de maio de 2021, o país registrou 452.224 mortes e 16.195.981 casos da doença, de acordo com o consórcio de Mídia formado por UOL, G1, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Extra, que coletam informações junto às secretarias estaduais de saúde.

a possibilidade de ofertar módulos demarcados pelas expertises e trajetórias de pesquisa de cada um dos docentes e programas de pós-graduação envolvidos, bem como expor as particularidades e especificidades regionais que atravessam as práticas comunicacionais e científicas na área da Comunicação, além da riqueza em compor o debate com conhecimentos e vivências múltiplas e únicas adquiridas nas experimentações dos territórios pelos quais circulamos.

Com esse propósito nasceu a disciplina integrada Comunicação e Territorialidades, ofertada por seis programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo vinculados às Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Sorocaba (Uniso) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O objetivo deste texto é articular reflexões e aprendizados teórico-metodológicos provenientes de múltiplas simultaneidades de práticas de comunicação e jornalismo e suas heterogeneidades distribuídas pelas cinco regiões do país, a partir do recorte de uma disciplina interinstitucional composta também por uma pluralidade de territórios conceituais alinhados aos seis programas que a integram.

2. TERRITORIALIDADES QUE ATRAVESSAM EXPERIÊNCIAS

A disciplina se sustenta a partir da percepção de iniciativas de comunicação, que se vinculam a territórios periféricos. Essas práticas comunicacionais tentam estabelecer um contraponto à compreensão das periferias como ambiente de negatividade, declarado como local apenas de violência e degradação⁵. A proposta da disciplina reconhece a diversidade dessas práticas comunicacionais, não estabelecendo uma visão única de periferia. Incorpora a diversidade de relações desenvolvidas nesses territórios, que extrapolam a dimensão física e se constituem também em sua dimensão simbólica, e abrange a dimensão da regionalidade como possibilidade de marcador de distinção dessas práticas. Assim, cinco dimensões foram definidas pelos programas para chegarmos à abordagem da discussão da temática, apresentadas a seguir.

2.1. *Pensamento decolonial como paradigma de percepção do território / Pensamento decolonial e comunicação das periferias*

O pensamento decolonial incorpora outra visão das relações estabelecidas entre países ocidentais do Norte de Produto Interno Bruto (PIB) per capita elevado e países ocidentais do Sul de PIB per capita baixo. Essas relações são contextualizadas por processos históricos, originários do sistema de exploração comercial estabelecido no início dessas relações, fracionado entre metrópole e colônias.

O tripé que sustenta a lógica colonial se estrutura a partir da hierarquia dos saberes, em torno da ciência positiva (colonialidade do saber), o que levou à estratificação eurocêntrica dos povos (colonialidade do ser), definindo um projeto civilizatório (colonialidade do poder), de acordo com Villanueva⁶.

5 D'ANDREA, Tiarajú Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 18-36, 2020.

6 VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Pilares teóricos latinoamericanos para la decolonización comunicacional. *Otros Logo*, Neuquén, n. 9, p. 62-84, 2018.

8 BALLESTRIN, Luciana. América... Op. cit., p. 102-103.

9 ILLANUEVA, Erick R. Torrico. Pilares teóricos latinoamericanos para la decolonización comunicacional. *Otros Logo*, Neuquén, n. 9, p. 62-84, 2018.

10 Abya Yala na língua do povo Kuna significa "Terra madura", "Terra Viva" ou "Terra em florescimento" e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).

11 MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado colonizado precedido de Retrato retrato do Colonizadorcolonizador*. Lisboa: MONDAR editores, 1974.

12 CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

13 FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

14 SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

15 VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Pilares... Op. cit.

16 PASQUALI, Antonio. *Comunicación y cultura de masas*. Caracas: Monte Ávila, 1977.

17 FREIRE, Paulo. *Manuscritos de Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

18 BELTRÁN, Luis Ramiro. *Comunicología de la liberación, desarrollismo y políticas públicas*. Málaga: Lucas de Gálbo, 2014.

19 MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito: Intiyan, 1978.

A comunicação, enquanto área de conhecimento, epistemicamente toma emprestado para si esse mesmo tripé para definir-se. As linhas temáticas dão prioridade a questões próprias de seu contexto de origem.

Algumas bases da episteme moderna, e que contaminam a episteme comunicacional, dão conta, na compreensão da colonialidade, da percepção de territórios periféricos. 1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica). 2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral. 3. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial). 4. Pelo caráter "civilizatório" da "Modernidade", interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da "modernização" dos outros povos "atrasados" (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etcetera, conforme Dussel, citado na obra de Ballestrin⁷. Para Dussel, "a América não somente foi a primeira periferia do sistema-mundo como também a primeira oportunidade de acumulação primitiva do capital (Castro-Gomez, 2005a)"⁸.

Essa mesma interpretação, ou uma interpretação que incorpore princípios e elementos do pensamento decolonial, pode colaborar para a compreensão da relação que se estabelece, no ecossistema comunicacional, entre centro e periferias, na perspectiva da percepção e do desenvolvimento de uma comunicação realizada por grupos de subalternizados?

A discussão parte de uma crítica a uma epistemologia euro-centrada⁹ que conformou a teorização da Comunicação e suas metodologias de análise. Parte-se da própria diversidade requerida pelo pensamento decolonial, que toma características específicas a partir dos processos que desenvolve em territórios determinados. No nosso caso, a América Latina, ou Abya Yala¹⁰. Daí a necessidade de se incursionar pelo pensamento comunicacional latino-americano.

Os antecedentes desse pensamento já estavam assinalados, de forma mais ampla, nas Ciências Sociais^{11,12,13,14}. Mas é a corrente reconhecida como pensamento comunicacional latino-americano¹⁵ que lança as bases de outra teorização da Comunicação, assentada no protagonismo da dinâmica do contexto social e no "diálogo" como categoria básica de trabalho^{16,17,18,19}.

2.2. A resignificação da noção de periferia / O jornalismo das periferias como fenômeno comunicacional plural

A experiência do desenvolvimento urbano da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – maior macrometrópole do país – tem servido de base para reflexões profícuas sobre as relações entre território e identidade social, mais precisamente sobre as relações entre periferias e sujeitos periféricos.

Nesse sentido, a perspectiva de lugar, apresentada por Milton Santos²⁰, ajuda a compreender como o território – espaço produzido/usado por sujeitos – interfere na formação das identidades sociais. Assim, as periferias dos 39 municípios que compõem a RMSP são produzidas por sujeitos potentes, nomeados por Tiarajú Pablo D’Andrea (2013)²¹ como Sujeitos Periféricos.

De acordo com D’Andrea²², esses Sujeitos Periféricos são agentes de transformação social que vêm promovendo uma ressignificação dos territórios e de seus moradores, o que indica a possibilidade da configuração de uma nova perspectiva epistemológica entre os saberes sobre a cidade. Com base nessa reflexão que permite uma intensa troca entre a universidade e a sociedade, destaca-se a participação de comunicadores, especialmente jornalistas, nesse contexto das periferias que se projetam como potências. A aproximação dessa dinâmica foi permitida tanto pelas rodas de conversa como pela experiência de pesquisa já registrada²³.

2.3. Jornalismo, políticas públicas e territórios / Descentralização da noticiabilidade e das fontes de informação

O objetivo deste módulo foi expor e discutir os múltiplos territórios ocupados e implicados por práticas jornalísticas e midiáticas em diferentes escalas e formas – local, hiper local, regional, novos arranjos de mídia, convencionais e comunitária –, com destaque para experiências sediadas em cidades de pequeno e médio portes, localizadas no interior e em faixas litorâneas. Intencionou-se problematizar e sugerir formas críticas para investigar esses sistemas midiáticos pela perspectiva de como eles são e não pelo viés relacional do que eles não são, viés este ancorado nos conceitos de “regiões midiáticas” e “regiões jornalísticas”²⁴. Trata-se do esforço metodológico de não caracterizar, de saída, as iniciativas jornalísticas regionais como “menores” em relação aos espaços de mídia presentes em grandes centros²⁵.

Partiu-se do entendimento de territórios pela apreensão do conceito de espaço de Doreen Massey²⁶, que rompe com a ideia ou cosmovisão de superfície, receptáculo, de perfil estático, fixo e atemporal. A autora propõe construir “uma nova imaginação de espaço”, ancorada em três eixos: (1) o espaço como produto de inter-relações, constituído por interações que transitam entre dimensões pequenas até mais amplas, como o global; (2) o espaço como uma esfera que abriga e produz a possibilidade da coexistência de multiplicidade, pluralidade e heterogeneidade, constituído por mais de uma voz; (3) o espaço como âmbito do movimento, justamente por ser constituído por inter-relações, relações-entre e em construção relacional, assim ele é aberto, contínuo e em processo de devir, com potencial transformador e político. O espaço nunca está finalizado²⁷, também para quem pesquisa, revelando aí perspectivas – e não um “fora” pretensamente analítico do espaço.

20 SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

21 D’ANDREA, Tiarajú Pablo. *Contribuições...* Op. cit.

22 D’ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

23 ROVIDA, Mara. *Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo*. *Famecos*, Porto Alegre, v. 27, e37004, 2020.

24 AGUIAR, Sonia. *Territórios do Jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.

25 SCHOENHERR, Rafael; GADINI, Sergio Luiz. *Estratégias regionais de produção jornalística: uma proposta ao estudo de casos de mídia impressa no Paraná*. *Revista Eptic*, São João del-Rey, v. 18, n. 3. 2016.

26 MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

27 Ibidem.

Assim, procurou-se articular as dimensões espaciais que circundam essas práticas jornalísticas e comunicacionais, sistematizadas nas pesquisas, no universo empírico e nas múltiplas formas de conceber as “regiões jornalísticas”, considerando suas particularidades, especificidades, sincronidades e simultaneidades. Ao conceber o campo científico como espaço²⁸, pontuou-se as inter-relações estabelecidas entre perspectivas teóricas, história de instalação dos programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo no território nacional, as trajetórias dos grupos de pesquisa e as imprecisões conceituais para apreender a totalidade da diversidade de realidades concretas²⁹.

A proposição foi o entendimento dos territórios comunicacionais e jornalísticos como espaços³⁰ que abrigam e projetam trocas profissionais, inter-relações em escalas micro e globais, histórias heterogêneas que se conectam e desconectam e locais de produção, interação e consumo, atravessando a dimensão locacional, mas incorporando dimensões simbólicas, de identidades de grupos diversos e de proximidades. Essa opção conceitual vem acompanhada do esforço metodológico de percepção do global e do local vistos não como antagônicos e sim como termos conceitualmente conectados, com fluxos e transversalidades a serem reconhecidos, a depender do referencial (empírico e teórico) adotado.

2.4. Cartografias e epistemologias das territorialidades na comunicação / Desterritorializar as metodologias na comunicação

Nosso objetivo, nesses encontros, foi problematizar como investigadores e intelectuais podem reclamar propriedades sobre os modos de saber de determinadas territorialidades a partir dos modelos de investigação institucionalizados, dos sistemas coloniais e de sociedades científicas normatizadas e burocratizadas³¹. Assim, a experiência do pesquisar não se processa como um caminho que se conhece de um mesmo modo, mas metodologicamente está aberto para a diferença. No cenário amazônico, como discutimos nas rodas de conversa com o Norte, onde o incentivo à atividade garimpeira e ao extrativismo predatório em plena pandemia vem se fazendo presente, a criação de outras narrativas comunicacionais pela perspectiva indígena torna-se uma ação urgente a incitar pesquisas por meio de iniciativas como as que se propõem os comunicadores indígenas com a criação de conteúdos midiáticos. Desse modo, discutimos, no primeiro encontro, por meio da perspectiva cartográfica, que o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se mudar o curso³². As metodologias como ferramenta de emancipação social trabalham com atualizações de uma ciência que se permita e estimule a diversidade, especialmente de seus sujeitos pesquisadores. Desse modo, podemos questionar: a quem serve esta ciência produzida a partir deste diálogo multifacetado? Quem tem acesso a essa produção? Quais as formas de comunicar esta ciência para outras vivências fora dos paradigmas acadêmicos?

Propor desterritorializações metodológicas associadas a territórios como acontecimentos que resistem por um tempo e espaço e territorialidades que se

28 Ibidem.

29 AGUIAR, Sonia. *Territórios...* Op. cit.

30 ASSEY, Doreen. *Pelo...* Op. cit.

31 TUHIWAI, Linda. *A descolonizar las metodologías: investigación y pueblos indígenas*. Tafalla: Txalaparta, 2017.

32 GUATTARI, Félix; RONILK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 323.

referem aos processos e valores que os sustentam³³ nos convida a problematizar normatizações do espaço acadêmico, às violências implícitas nestes padrões, assim como suas subversões. Pensamos, no segundo módulo, o sujeito pesquisador enquanto imerso em um sistema social, cultural, político, econômico, geograficamente e historicamente situado. Ele é detentor de conhecimentos e competências construídos em uma trajetória de vida que configura seu modo de sentir, pensar e se relacionar com o mundo. O conhecimento científico é produto de um sujeito, que no processo investigativo, não caminha sozinho. Ele estabelece relações na construção de conhecimentos com outros sujeitos, relacionando-se com o mundo, seus pares, e com os conhecimentos acumulados no campo científico. Por isso, é necessário uma perspectiva crítica neste processo investigativo e nas interações entre sujeito – mundo – campo científico. Uma proposta que busca descolonizar as metodologias de investigação nos convida a colocar em perspectiva também quais os saberes acumulados no campo científico da comunicação³⁴. Logo, ao buscarmos desterritorializar e descolonizar as metodologias não estamos desmerecendo o processo acadêmico de pesquisar, mas reivindicamos novas possibilidades de descobrir, de conhecer, de pensar a investigação.

2.5. Vínculos territoriais ressignificados em ambiências virtuais / A construção territorial a partir de desigualdades de gênero

Este momento da disciplina parte do pressuposto que, uma vez que o território se expande, que não está mais restrito aos limites geográficos característicos da conceituação de outrora, há uma reconfiguração de relações espaço-temporais em que o território adquire intensidades e durabilidades diferentes. Ao se pensar a construção territorial atravessada pelas ambiências online, podemos pensar a existência de partilhas e reuniões/organizações de pessoas em torno não apenas de interesses e lutas comuns, mas também do ódio e da aversão, bem como de modos de controle de acesso a informações. O surgimento de “lugares virtuais”³⁵ leva em consideração que as relações entre espaços e identidades culturais são afetadas pela internet, levando a uma compreensão mais palpável do fenômeno da multiterritorialidade³⁶, característico da contemporaneidade.

Foram abordadas relações de pertencimento, construções potencialmente comunitárias, experiências de trânsito e migração, bem como relações de poder que atravessam as relações entre espaço, tempo e experiência hiperconectada. Também foi importante pensar em fenômenos como o “aquilombamento virtual”, a partir de processos de (re)territorialização de povos negros desterritorializados evocando a organização territorial de Palmares nas redes sociais³⁷, ultrapassando uma perspectiva capitalista e neoliberal em prol de territorialidades que rejeitam estruturas sociais desiguais e se pautam em reexistência, afeto, acolhimento e possibilidades de cidadania.

Mobilizou-se uma discussão pautada em desigualdades de gênero como elementos importantes para compreensão de territorialidades, desde as emblemáticas narrativas mitológicas sobre as primeiras mulheres, que ajudam a sistematizar

33 ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. **Comunicação e territorialidades: poder e cultura**. Vitória: Edufes, 2007.

34 TUHIWAI, Linda. **A descolonizar...** Op. cit.

35 FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca; BARTH, Daiani. Territorialidades virtuais: identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 211-225, 2011.

36 HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, 1., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

37 SANTOS, Cristiano Henrique dos; SILVA, Renata Nascimento da. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 75-92, 2019.

não-modelos vinculados a papéis sociais baseados em uma divisão sexual, até as formas de violência e reconhecimento constitutivas de relações entre pessoas e, portanto, também dos territórios³⁸. Relações de poder binárias, perspectivas interseccionais, assim como (im)possibilidades de apropriação do espaço e de emancipação por parte das mulheres guiaram uma discussão sobre um pertencimento territorial que pode envolver mecanismos de silenciamento e perspectivas de empoderamento³⁹, assim como padrões e construção de subjetividades⁴⁰.

3. A ESTRUTURAÇÃO DA DISCIPLINA

Cada um dos PPG envolvidos levantou aspectos da temática principal da disciplina que poderiam ser abordados. Uma diretriz orientava essa seleção, a de que essas abordagens fossem vinculadas a linhas de pesquisa consolidadas nos respectivos PPG. Ou seja, ao mesmo tempo em que a disciplina representava um conjunto de saberes construídos de forma coletiva, também trabalhava no sentido de fortalecer institucionalmente as linhas de pesquisa dos programas, favorecendo sua consolidação.

Ao final das discussões, a ementa contemplou discussões sobre (1) O pensamento decolonial na percepção do ecossistema e das práticas comunicacionais dos territórios periféricos; (2) Reconfigurações territoriais tensionadas pela comunicação digital e pelas desigualdades de gênero; (3) Intersecção entre Jornalismo, políticas públicas e territórios na noticiabilidade local e regional; e (4) Epistemologia das territorialidades no campo da comunicação.

A disciplina foi estruturada em seis módulos, cada um deles sob a responsabilidade de um dos programas envolvidos. Os cinco primeiros módulos seguiram os aspectos levantados pelo referencial teórico, sendo assumidos pelos PPG da Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Sorocaba (Uniso), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O sexto módulo, em uma tentativa de ultrapassar a articulação entre os tópicos anteriormente abordados, propôs o lançamento de outras perspectivas para a discussão e foi assumido pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), inclusive pela área de concentração de seu PPG, que é Comunicação e Territorialidade.

Foi definido em conjunto pelos seis PPG que a avaliação final seria uma produção escrita em que a(o) estudante discorresse conceitualmente sobre uma das temáticas apresentadas pelos módulos, ou mesmo o tensionamento entre duas ou mais temáticas, no estabelecimento de seus atravessamentos. Deu-se liberdade aos PPG para que a produção escrita fosse dimensionada de acordo com suas especificidades. Assim, foram exigidos tanto resumos ampliados de futuros artigos acadêmicos quanto ensaios ou artigos científicos já finalizados.

Outro resultado pensado foi a proposta de elaboração de uma publicação, em curso, que selecionasse os melhores artigos entre os apresentados como resultado final da disciplina. Nesse caso, houve a possibilidade de uma maior

38 LOUARGANT, Sophie. O interesse do gênero pelos territórios. In: MIRANDA, Cynthia Mara et al. (org.). **Gênero, desenvolvimento e território: novas semânticas e antigas práticas**. Manaus: Editora Valer, 2015. p. 299-302.

39 RUI, Simone Léia. Gênero, empoderamento e território: construindo relações e estabelecendo perspectivas teóricas. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 16, p. 45-60, 2020.

40 RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio. **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019.

diversidade na elaboração, podendo ser realizada por estudantes em dupla ou em trio, artigos apresentados por estudantes com orientador(a) ou mesmo a apresentação de trabalhos elaborados por estudantes e representantes das iniciativas de comunicação que participaram das rodas de conversa.

Um dos desafios da disciplina foi tentar conciliar as especificidades institucionais de cada PPG participante. Como mostra dessa dimensão, estavam envolvidos PPG vinculados a universidades públicas federais, a uma estadual e a uma universidade comunitária. Para ultrapassar essas barreiras iniciais, utilizou-se da flexibilidade, dada pela legislação, de que qualquer estudante vinculada(o) a um PPG *stricto sensu* no Brasil possa cursar disciplinas em outro PPG, independente da área ou localização.

Para ultrapassar o desafio de sincronia entre os calendários acadêmicos de todas as universidades envolvidas, face às opções temporais diferenciadas de adesão ao ensino remoto, o PPG da Universidade Federal do Ceará estabeleceu em sua oferta a disciplina como optativa, abrindo vagas para estudantes especiais (de outros PPG). Como a legislação das universidades federais não estabelece limites para estudantes especiais por disciplina, o PPG da UFC pode abrir quantas vagas fossem necessárias para acomodar estudantes de todos os outros PPG que quisessem cursar a disciplina.

3.1. A metodologia das rodas de conversa

Os cinco módulos da disciplina seguiram a mesma estruturação: em um primeiro momento, era organizada uma roda de conversa com a participação de iniciativas de comunicação independentes/alternativas ou de periferias da região na qual o PPG do módulo da vez estava localizado. O segundo momento do módulo era composto por duas aulas teórico-conceituais relacionadas ao referencial teórico planejado na concepção da disciplina.

De cada roda de conversa participaram, em média, cinco iniciativas, tais como rádios, jornais ou agências de notícias comunitárias. Durante um tempo determinado, cada participante expunha as características da comunicação que produz, incluindo suas rotinas de produção, linha editorial e a relação com as comunidades dos territórios alcançados. Os representantes das iniciativas de comunicação independente/alternativa também trataram de questões como fontes de recursos e formas de financiamento dos projetos, limitações, desafios e metas futuras. Na sequência, as(os) estudantes faziam perguntas específicas sobre cada um dos projetos ou questões mais amplas que eram respondidas por todos os participantes. Ao longo do debate, os convidados também divulgavam os respectivos canais de comunicação de suas iniciativas. Destaca-se a importância dessa metodologia para uma maior integração entre o meio acadêmico e as comunidades, favorecendo conexões de trabalho e pesquisa entre estudantes, profissionais e professores. As rodas de conversa também tornaram evidentes certas similaridades entre os diversos projetos, bem como as especificidades de cada território.

4. A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O ENVOLVIMENTO DE ESTUDANTES NA DISCIPLINA

Os calendários letivos de 2020 e 2021 foram afetados pela pandemia – contexto anteriormente mencionado –, por isso, encontrar um intervalo de datas que contemplasse os arranjos de seis programas de pós-graduação foi um desafio, além da especificidade de se trabalhar com dois fusos horários brasileiros. Se, por um lado, a crise sanitária provocou esses desarranjos nos cronogramas de aulas e atividades universitárias, por outro, promoveu um domínio maior de ferramentas digitais que permitiram planejar os encontros remotos síncronos entre professores e alunos das cinco regiões do país.

A projeção do calendário compartilhado foi desenhada pelos docentes envolvidos na disciplina, em reunião online, e os detalhes foram acertados nos dias posteriores em trocas de mensagens por grupo do aplicativo WhatsApp. Dessa forma, chegou-se ao cronograma de atividades iniciadas com aula inaugural ministrada pela professora convidada Sonia Virgínia Moreira, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 16 de março de 2021.

Depois da aula inaugural sobre Geografias da Comunicação, foram realizados os encontros dos cinco módulos teórico-conceituais da disciplina – sob responsabilidade, respectivamente, do PPGCom UFC, do PPGCC Uniso, do PPG em Jornalismo UEPG, do PPGCom da UFRR e do PPGCom da UFMT. Cada módulo foi iniciado por uma roda de conversa com comunicadores da região do programa responsável, realizada aos sábados de manhã (das 10h às 12h, no horário de Brasília – BRT), exceto o segundo módulo, cuja atividade com os comunicadores foi realizada na terça-feira, 6 de abril à tarde, por conta de um feriado. Na sequência, cada módulo teve dois encontros de terça-feira, das 14h30 às 17h30 (BRT). O último encontro foi organizado em 8 de junho de 2021 pelo PPG em Comunicação e Territorialidades da UFES, cuja participação foi um pouco distinta dos demais programas, uma vez que sua adesão à disciplina se deu em um momento posterior à organização das atividades.

Cada um dos seis programas ofertou a mesma quantidade de vagas para a disciplina, organizando de forma independente quantas seriam destinadas a alunos especiais e alunos regulares. Vagas não-preenchidas por um programa puderam ser oferecidas por outro PPG, de forma que a disciplina ficou com um total de 37 discentes. Foi percebida a presença constante de cerca de 40 participantes, entre discentes e docentes ao longo do semestre.

A gravação das aulas para acesso assíncrono, tendo em vista os problemas de internet frequentes durante o ensino remoto, foi um elemento importante para garantir o acompanhamento da turma. Além das reuniões síncronas para realização das rodas de conversa e das aulas pelo Google Meet, foi criado um drive para compartilhamento de textos e materiais de apoio e um espaço da disciplina na interface sala de aula (Google Classroom) para anúncios e recados gerais, cujo acesso se deu desde o início da disciplina integrada.

Paralelamente, os docentes também criaram grupos de WhatsApp ou se comunicaram por e-mail para prestar suporte aos discentes de seu programa e para combinar alguns detalhes mais específicos, como data de entrega de trabalhos, definidas de acordo com os calendários em vigor em cada universidade. A atividade final da disciplina foi orientada por cada PPG, tanto no que diz respeito aos prazos como aos formatos.

As aulas foram pautadas por leituras indicadas como apoio no início do semestre e contaram com recursos como apresentações de slides, participação de professor convidado para contribuir com um tema específico – o professor Paulo Celso Silva foi convidado para falar sobre a obra de Milton Santos, durante o módulo 2 –, bem como o convite a um discente com experiência relacionada ao assunto do dia – Luan Correia Cunha Santos apresentou o projeto de podcast antropofágico no módulo 4.

A interação pelo chat e por microfone aberto foi incentivada em todos os encontros. Observou-se uma certa resistência dos alunos e das alunas em um primeiro momento e um cansaço já nos últimos dias de aula, mas nada que fugisse ao padrão da dinâmica online. Apesar disso, a participação ao longo do semestre permitiu reforçar pontos de diálogo e proximidade de interesses entre os participantes dos seis PPG. Essa troca de experiência incluiu o compartilhamento de referências – tanto acadêmicas como comunicacionais –, de ideias e perspectivas sobre as pesquisas em comunicação.

Tendo como pressuposto a grande probabilidade de ocorrência de problemas de internet que impedem a manutenção de câmeras abertas nas aulas remotas e inibem as partilhas, um aspecto interessante a ser ressaltado foi a implementação de um processo de autoavaliação constante da disciplina, a partir de consultas embutidas nos formulários das listas de presença utilizadas durante as aulas. Embora fossem de caráter opcional, essas informações nos auxiliaram a compreender o impacto da disciplina nas pesquisas acadêmicas de quem acompanhou os encontros síncronos, assim como as dificuldades da turma.

A “escuta” de estudantes foi, portanto, crucial para o andamento da disciplina e fomento ao debate. Se bell hooks⁴¹ já chamava atenção para a necessidade da escuta na criação de um “processo de aprendizado empolgante” em tempos de ensino presencial, esse “reconhecimento da presença uns dos outros” torna-se mais desafiador e definidor da construção de relações de pertencimento por parte da turma em um contexto de ensino remoto. O estímulo à participação passa por um processo de valorização que envolve planejamento docente e por um incentivo à “transgressão de fronteiras”⁴² que, em nosso caso, foram muito além dos territórios físicos e das possibilidades que a conexão pela internet trouxe.

Os estímulos eram feitos a partir de questões ou propostas como “Deixe um retorno sobre como tem sido sua dinâmica de estudos para esta disciplina”, “Algo da aula que pretende utilizar na sua pesquisa?”, “Algum comentário sobre a roda de conversa de hoje?”, “Na tua avaliação, quais os pontos positivos da disciplina?”, “Registre, se possível, qual ideia ou pergunta trabalhada hoje te despertou a curiosidade”, “Qual conceito ou debate da disciplina mais te chamou atenção

41 hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

42 hooks, bell. *Ensinando...* Op. cit.

até agora?”, “Registre uma avaliação sobre o funcionamento das aulas até aqui, dos nossos encontros multi programas e remotos”, “Se possível, expresse sua dúvida quanto ao andamento da disciplina”, “Qual dos textos para esse encontro foi mais proveitoso?”, dentre outras mais gerais, e também foram sondadas especificidades como “Teve contato com alguma obra de Milton Santos durante a graduação?”.

Uma vez que tivemos uma quantidade significativa de estudantes trabalhadores, foi perceptível, durante as rodas de conversa, a identificação de muitas pessoas com as dificuldades e desafios relatados por profissionais convidados. Ressalta-se também o engajamento de estudantes da disciplina na mobilização de iniciativas e comunicadores junto aos docentes da disciplina, dinamizando as rodas e diversificando as experiências trazidas, permitindo aos docentes conhecer e contatar outras iniciativas durante a pandemia.

Também chamou nossa atenção a (re)construção de perspectiva sobre outras regiões e estados do Brasil, algo presente em depoimentos sobre as rodas de conversa, tensionando e desconstruindo uma perspectiva colonial no olhar comunicacional para o próprio país, em sua diversidade: “Foi super interessante conhecer as iniciativas de Roraima, Estado tão pouco conhecido por mim. Nas aulas anteriores, do Sul e do Sudeste, eu conhecia algo. Desta, não. Foi bacana ver, por exemplo, a iniciativa que trata dos povos indígenas”⁴³; “Principalmente por não ter muito conhecimento sobre o norte, estou achando os pontos de vista fantásticos. Principalmente pela questão de como o território é trabalhado e suas necessidades específicas”⁴⁴.

Destacam-se posicionamentos de pós-graduandos do Sul e do Sudeste, acostumados a terem práticas de seus territórios consideradas como referência “nacional”, que se deslocaram e puderam conhecer realidades bastante distintas e problemas que aproximam territórios, como vemos em: “Super bacana de trazer as iniciativas de comunicação das periferias. Algo que não foi abordado na minha graduação, apenas nos cursos no mercado de trabalho [...] do Nordeste, não conhecia. Importante para ampliarmos a mente e discutirmos como a comunicação se desenvolve”⁴⁵; “As experiências das rodas de conversa têm sido extremamente ricas e fundamentais para ampliar o olhar para o Jornalismo através dos relatos dos colegas”⁴⁶; e “Relatos de experiências de profissionais de comunicação em localidades diferentes sempre são ricos, motivadores e nos colocar a par de que o ‘fazer jornalismo, fazer comunicação’ Brasil afora enfrenta as mesmas dificuldades”⁴⁷.

Apesar da pluralidade de programas e docentes envolvidos, a disciplina centralizou as experiências das rodas de conversa em práticas jornalísticas e de comunicação comunitária, não atendendo à diversidade de interesses de pesquisa dos 37 estudantes que participaram do curso. Diversificou-se as regiões, vivências e territórios apresentados nas rodas, mas não foram contempladas as medições e processos comunicacionais que os diferentes programas abrigam em suas linhas de pesquisa. Isso não descarta, de acordo com as respostas, a aprovação da construção metodológica da disciplina, sobretudo ao incorporar as rodas de conversa. “As rodas de conversa aos sábados têm se mostrado uma espécie de metodologia ativa/participativa, promovendo um espaço de reflexão e postura dialógica. Com isso, nos ajuda a olhar para nossos objetos de pesquisa com outras perspectivas, outros recortes que até então desconsiderávamos”⁴⁸.

43 Estudante 1, 08/05/21.

44 Estudante 2, 08/05/21.

45 Estudante 3, 20/03/21.

46 Estudante 4, 22/05/21.

47 Estudante 5, 20/03/21.

48 Estudante 9, 22/05/21.

O impacto das rodas de conversa também estimulou os docentes a adotarem a participação de comunicadores regionais com mais frequência em outras disciplinas ministradas na graduação e na pós-graduação.

Dentre as principais dificuldades de acompanhamento e participação na disciplina mencionadas, estiveram a sobrecarga e/ou excesso de demandas com o home office e ensino remoto, resultando em pouco tempo para leituras sugeridas pelo grupo de docentes. Ainda que muitos tenham citado a leitura e fichamento dos textos (anterior ou posterior às aulas) como aspectos importantes, muitos expressaram a saudade das aulas presenciais para consolidar o debate.

5. CONSIDERAÇÕES

O contexto pandêmico desmontou processos de ensino-aprendizagem e instalou desafios para o setor da Educação a serem implementados concomitantemente ao avanço da Covid-19 no país. A disciplina interinstitucional Comunicação e Territorialidades desenhou-se como uma possibilidade, a partir das aulas remotas, de integrar programas de pós-graduação das cinco regiões para discutir a multiplicidade de práticas comunicacionais que coexistem no país.

A dinâmica planejada pelos seis PPG envolvidos e inserida nos encontros expandidos via plataforma Meet configurou-se como “território”, sendo um espaço⁴⁹ *em contato* com trajetórias simultâneas de pesquisa e ensino, tanto em comunicação, como em jornalismo e em territorialidades, perfazendo singularidades universitárias, discentes e docentes das regiões brasileiras. A expectativa dentro das evidentes limitações do ambiente digital e da web, era de algum modo inquietar estudantes para essa multiplicidade não somente de experiências jornalísticas e midiáticas – bem relatadas nas rodas de conversa –, mas também de formas de pensar e entender o jornalismo e a comunicação cotejados pela problematização territorial.

A “sala de aula” acabou por reunir uma simultaneidade de trajetórias (estudantes, docentes, profissionais, de pesquisa e institucionais), nos termos de Massey⁵⁰, impensáveis ou menos visualizáveis nos encontros presenciais “não compartilhados”. O que se entende por realidade regional de mídia se altera ou se fortalece como conceito quando se dá a conhecer outras diversidades regionais (co)presentes no país, que incluem formas possíveis de pensar e estudar a Comunicação e o Jornalismo. Aliás, o lugar do Jornalismo como campo de reflexão específica também tende a ser produzido ou reformulado na percepção desse território mais amplo dos debates e dos percursos dos programas em Comunicação. Os comentários postados pelos alunos e alunas expostos anteriormente, assim como relatos das rodas de conversa colocam essa provocação para a academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.

49 MASSEY, Doreen. *Pelo...*
Op. cit.

50 Ibidem.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, 2013.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Comunicología de la liberación, desarrollismo y políticas públicas**. Málaga: Luces de Gálibo, 2014.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 18-36, 2020.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca; BARTH, Daiani. Territorialidades virtuais: identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 211-225, 2011.

FREIRE, Paulo. **Manuscritos de Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire; 1968.

GUATTARI, Félix; RONILK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MÚLTIPLA TERRITORIALIDADES, 1., 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LOUARGANT, Sophie. O interesse do gênero pelos territórios. In: MIRANDA, Cynthia Mara *et al.* (org.). **Gênero, desenvolvimento e território: novas semânticas e antigas práticas**. Manaus: Editora Valer, 2015. p. 299-302.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicación masiva: discurso y poder**. Quito: Intiyan, 1978.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Lisboa: MONDAR editores, 1974.

PASQUALI, Antonio. **Comunicación y cultura de masas**. Caracas: Monte Ávila, 1977.

RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio. **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019.

- Daniela Zanetti, Edgard Patrício, Lisiane Aguiar, Mara Roviada, Paula Melani Rocha, Rafael Schoenherr e Tamires Ferreira Coelho

ROVIDA, Mara. Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo. **Famecos**, Porto Alegre, v. 27, e37004, 2020.

RUI, Simone Léia. Gênero, empoderamento e território: construindo relações e estabelecendo perspectivas teóricas. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 16, p. 45-60, 2020.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SANTOS, Cristiano Henrique dos; SILVA, Renata Nascimento da. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 75-92, 2019.

SCHOENHERR, Rafael; GADINI, Sergio Luiz. Estratégias regionais de produção jornalística: uma proposta ao estudo de casos de mídia impressa no Paraná. **Revista Eptic**, São João del-Rey, v. 18, n. 3. 2016.

TUHIWAI, Linda. **A descolonizar las metodologias**: investigación y pueblos indígenas. Tafalla: Txalaparta, 2017.

VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Pilares teóricos latinoamericanos para la decolonización comunicacional. **Otros Logo**, Neuquén, n. 9, p. 62-84, 2018.

ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. **Comunicação e territorialidades**: poder e cultura. Vitória: Edufes, 2007.